

O Museu do Panteão Nacional Haitiano (MUPANAH): entre a representação histórica e a busca memorial

Jean Mozart Feron

Introdução

O Museu do Panteão Nacional Haitiano (MUPANAH), herdeiro direto das coleções do Museu Nacional após seu encerramento (Célius 2006: 171), deve glorificar os heróis da independência haitiana conquistada às custas do maior exército europeu de sua época. As crianças em idade escolar o consideram um paraíso para seu nacionalismo; um "nacionalismo heroico" (Célius 2004: 38-48) como registrado na memória oficial e nos livros didáticos. O MUPANAH é conhecido como um dos lugares por excelência para a revitalização e transmissão da memória coletiva, através da salvaguarda do patrimônio histórico e cultural nacional do Haiti, pelo qual é responsável. Sua missão parece ter permanecido inalterada desde sua criação (Paret 2010). De fato, como estipulado no artigo 3 do decreto de 21 de outubro de 1982,

a missão do MUPANAH é perpetuar e difundir a memória dos fundadores da Pátria, formular, de acordo com os objetivos estabelecidos pelo poder público, a política geral para a criação e administração de museus históricos, museus artísticos e culturais em todas as regiões e comunidades locais do Haiti, e para participar da conservação do patrimônio e da disseminação da cultura nacional (Le Moniteur 1982).

Essa missão parece dedicar esse museu à realização de uma forma de ritualização da memória dos fundadores da Pátria e, em torno de cada uma das sequências expostas, das lutas do Haiti contra a escravidão. Essa ritualização é palpável na representação da bravura, valentia e determinação dos soldados do exército indígena, em destruir o sistema escravo que havia sido estabelecido na colônia de Santo Domingo, hoje Haiti.

Tentativas de entender o interesse do público do MUPANAH pela história do Haiti, particularmente seu público majoritário de crianças em idade escolar, levaram à consideração de uma dupla tarefa. Em primeiro lugar, trata-se de enfrentar a competição das memórias (Barthélemy 2004; Michel 2014) entre, por um lado, a vitória sem precedentes do exército indígena sobre o sistema escravo e, por outro, as atrocidades sofridas durante os três séculos de escravidão. Em segundo lugar está também a questão de avaliar as representações, motivações, expectativas e sentimentos que os jovens têm em relação à oferta do museu.

Um museu é um todo com partes organicamente ligadas (o objeto, o espaço e o visitante). De acordo com o Laboratoire de Muséologie et d'Ingénierie de la Culture (LAMIC),¹ a beleza do edifício é um fator chave para a apreciação da visita. Lionel Lerebourgs, ex-Diretor Geral do MUPANAH, descreve a estética e o conteúdo do museu, lembrando sua missão na construção e organização da memória haitiana. A arquitetura, tanto por dentro quanto por fora, é marcada por cones de concreto que filtram a luz natural:

O túmulo² é iluminado de dia com luz solar e é construído a partir de um cone que chamamos de cone principal em relação a outros sete de dimensões menores [...] Esse túmulo simbólico é a antecâmara de uma primeira sala semicircular: a galeria histórica do museu. Através de uma exposição permanente dividida em sete partes, a história do Haiti é contada desde o período pré-colombiano até os anos 40 (Lerebourgs, 1999: 6).

Hoje essa galeria vai até 1986, o ano que marca o fim do regime de Duvalier. Entretanto, a observação de Lerebourgs sobre a galeria histórica ainda é válida: “É a galeria mais visitada desde sempre pelos estudantes. Ela permite que eles aprofundem suas noções de história e revivam, através dos painéis, documentos e diversos objetos, certos períodos da história conturbada do país” (Lerebourgs 1999: 6).

Este artigo visa analisar, por um lado, as expectativas e motivações dos jovens visitantes das escolas em relação à apresentação do MUPANAH da escravidão e, por outro, as estratégias do museu para transmitir as mensagens veiculadas pela exposição. Vou utilizar um conjunto de artigos de imprensa, documentos de arquivo, observações e entrevistas realizadas em 2011, bem como comentários deixados pelos visitantes entre 2012 e 2018 nos cadernos de sugestões do museu, particularmente durante a exposição *Chimen Libète* (Caminho da Liberdade), que esteve aberta entre 20 de setembro e 30 de outubro de 2012, e no período de maio a agosto de 2018. As entrevistas realizadas com cerca de trinta pessoas (alunos do primeiro ano, estudantes outros e profissionais do museu) procuraram entender como os visitantes se representam e se apropriam da musealização de sua história, da recepção e do tratamento dentro do museu. Essas entrevistas foram o coração das minhas pesquisas realizadas em 2012 (Féron 2013).

O Departamento de Educação e Animação do museu quer que a exposição permanente sobre a história do Haiti seja acessível a todos os públicos: os guias têm que se ajustar aos múltiplos perfis dos visitantes. No entanto, o museu atrai principalmente os visitantes das escolas. Inicialmente, minhas entrevistas com os alunos se concentraram em sua motivação, sua apreciação e sua percepção da visita. Discutimos o acolhimento, a cenografia e sua compreensão da exposição permanente e do MUPANAH em geral. Em uma segunda fase, profissionais - especialmente animadores-guia - foram escolhidos para dar sua impressão sobre os grupos escolares e a compreensão de sua tarefa.

1 O LAMIC (Laboratório de Museologia e de Engenharia da Cultura) é um laboratório de pesquisa em museografia, modelagem e museologia ligado à Universidade Laval de Quebec.

2 O túmulo descrito pelo autor representa o panteão no qual estão guardados os restos simbólicos dos heróis da independência do Haiti, a saber Toussaint Louverture, Jean-Jacques Dessalines, Henri Christophe e Alexandre Pétion.

O MUPANAH e a experiência da escravidão: a exposição temporária *De Ayiti ao Haiti: a liberdade conquistada*



Il. 1 Rotonda no MUPANAH: os inícios da luta pela liberação. Courtesy MUPANAH, Port-au-Prince

Carlo A. Célius se pergunta: “A prática da escravidão tem sido realizada há muito tempo, de acordo com uma distribuição espacial que não poupa nenhum continente ou civilização. Como se pode entender a demora até os anos 90 para que fosse expresso o claro desejo de colocá-la de forma significativa no museu?” (Célius 1998: 249). Deve-se dizer que o debate sobre a inclusão da escravidão em um museu foi lançado muito tarde no Haiti. Além disso, foi preciso um pensamento interdisciplinar para analisar o estigma social da escravidão e conceituar sua memória (Augustin 2012: 205). Enquanto, por um lado, a importância de divulgar a memória da escravidão através de um museu é reconhecida, por outro, Christine Chivallon (2005, 2012) sugere que essa questão deve ser tratada com cautela em sociedades como a haitiana, que vivenciaram o tráfico de escravos e a escravidão. Pois, assim como a memória desse período pode ser fragmentária para os descendentes dos algozes, ela pode ser igualmente fragmentária para os descendentes das vítimas, que por sua vez tendem a reprimir um sentimento de vergonha e feridas intermináveis, que correm o risco de “tornar a memória da escravidão quase invisível no espaço público” (agosto de 2012: 215-216). Em ambos os casos, a repressão pode ser um obstáculo para a transmissão dessa memória. Jean Davallon sugere uma série de maneiras pelas quais a memória coletiva nacional pode ser alimentada:

Para que a transmissão ocorra, é necessário, no entanto, que ela seja eficaz, ou seja, declarada, seja na forma verbal ou através de aplicação prática. Uma das formas exemplares de manifestação da memória coletiva é o testemunho, mas

também devem ser mencionadas todas as formas de transmissão oral e prática, de técnicas, conhecimentos e know-how através de situações socialmente definidas como um ritual, uma história, uma performance, uma discussão, um encontro, um evento de aprendizagem, um espetáculo, a implementação de uma técnica, etc. (Davallon 2015: 63). Seria uma questão de desenvolver uma estratégia para encorajar o esforço de lembrar um passado comum, em um contexto onde as memórias foram “abusadas, esmagadas pelo poder colonial e produzidas nas condições da violência escravagista” (Chivallon 2006: 10).

Se o MUPANAH deve servir de catalisador para que os jovens reflitam sobre seu passado, surge a questão de saber até que ponto esse museu consegue preencher o vazio de memória ligado à escravidão. Duas exposições temporárias tentaram dar presença ao indizível que assombra a memória haitiana. Além de sua exposição permanente, que é parcialmente dedicada à escravidão, o museu produziu uma exposição em 2004, por ocasião do bicentenário da independência, intitulada *D'Ayiti à Haïti, la liberté conquise: une exposition du Musée du Panthéon National Haïtien* (2004). Essa exposição traçou a história do país desde os Taínos até o período nacional. Deve-se lembrar que ela foi produzida em meio à agitação política que levou um grupo de intelectuais haitianos a assinar uma petição, recusando-se a celebrar sob o comando de Jean Bertrand Aristide, chefe de Estado na época, os duzentos anos de independência. Em setembro de 2012, o museu inaugurou a exposição *Chimen Libète/Chemin de la liberté*. De novembro de 2016 a janeiro de 2017, também sediou a exposição itinerante internacional intitulada *Mémoires libérées* (Memórias Libertadas),³ mas esse caso em particular será objeto de outro debate.

Numerosos estudos abordaram a experiência da escravidão em Santo Domingo a partir da perspectiva das memórias compartilhadas, mas também inconciliáveis. Gérard Barthélemy acreditava “que a escravidão parece hoje ter desaparecido em grande parte da memória viva do povo haitiano” (Barthélemy 2004: 128). No entanto, sem que às vezes nos demos conta, os efeitos posteriores dessa memória permanecem presentes em nossas relações humanas diárias (Chivallon 2010). É claro que, a montante, um longo processo de apropriação e conscientização da história e da memória ainda está por fazer, mas, a jusante, é provável que o compartilhamento dessa memória nas diferentes exposições no MUPANAH levará gradualmente o público a reapropriar-se dela. Um estudante visitante da exposição *Chimen Libète* escreveu que

Praticamente, acabo de experimentar meu histórico 'pandemônio'. A conclusão deve normalmente ser muito louvável, dado o caminho percorrido por nossos antepassados, mas tudo isso toma um rumo indecifrável nas atuais situações sociopolíticas e culturais. A escravidão já não é mais, a liberdade ainda não é...

Esse comentário reflete todo um espectro ideológico inerente às aspirações dos haitianos. Segundo um ditado haitiano que lembra o projeto social de Jean-Jacques Dessalines, fundador da nação haitiana, “não há liberdade sem bem-estar”. Outros comentários veem a exposição como uma oportunidade para expressar suas reivindicações e expectativas em relação às injustiças feitas a seus compa-

3 <https://www.icihaiti.com/article-19584-icihaiti-histoire-exposition-memoire-liberee-au-musee-du-pantheon-national.html>, [acessado em 11/05/2020];

triotas. Isso porque o público lê uma exposição a partir de sua própria situação sociopolítica e cultural. Portanto, é compreensível que a exposição possa despertar um sentimento de ansiedade ou revolta no visitante, quando ele compara seu passado com a situação que ele enfrenta no presente.

A experiência de escravidão no Haiti é um fardo tão pesado que o museu não pode apresentá-la em uma ou duas exposições. Como, segundo Fanon (1961), a independência nacional é a primeira etapa na reparação dos horrores perpetrados pela França colonial, há muito tempo ela tem sido tratada esporadicamente tanto nos livros de história como nas raras exposições. Pois falar sobre essa experiência parece tão doloroso que se compensa com o heroísmo da vitória do exército indígena sobre Napoleão. A transmissão torna-se então frágil. Quando Louis-Georges Tin nos lembra que o Haiti era "a colônia mais próspera do mundo" (Tin 2013:18), um haitiano não vê isso necessariamente como positivo, mas sim como um insulto, uma vez que seus ancestrais pagaram um alto preço por essa prosperidade. Nessa constelação, há várias reflexões a serem feitas. A primeira é que "a pérola das Antilhas", um termo usado pelos escravos, não se referia à beleza da paisagem ou à fertilidade do solo. Essa pérola certamente brilhou, mas no meio da lama e do sangue dos condenados, desafiando os gritos de dor, as chibatadas, o esquartejamento dos corpos etc. A segunda é sobre uma prosperidade que foi construída à custa da carne e do sangue de centenas de milhares de negros arrancados de seus territórios e de suas famílias, para realizar os sonhos gananciosos e ávidos de pessoas com as quais não tinham nada em comum. É isso que o museu tem o dever de fazer conhecer a esse público que tanto espera dele.

De Santo Domingo ao Haiti: uma liberdade conquistada mal digerida...



Il. 2 Os rostos da liberdade. Courtesy MUPANAH, Port-au-Prince

A exposição *D'Ayiti à Haïti : la liberté conquise* trouxe para o palco o indizível, há muito escondido. Ela expôs uma vitória das forças malditas que derubam as forças dominantes representadas hoje pelo Ocidente, de acordo com Claudy Delné (2013). A aversão da instituição escrava a essa vitória vem do fato de que ela não foi conquistada apenas para os haitianos, mas para um mundo faminto por liberdade. Myriam Cottias e Hebe Mattos (2016) examinam a onda de choque que se espalhou por todo o continente. Apesar dos esforços para evitar o encontro desses povos, os ideais de liberdade da jovem nação haitiana atravessaram fronteiras e inspiraram outras insurreições. Cottias e Mattos (2016: 10) defendem a pesquisa sobre as relações diretas entre as colônias caribenhas e os países da América do Sul, que até agora foram muito pouco sistematizadas, tanto do ponto de vista do capital e das técnicas como do ponto de vista das pessoas, livres ou escravizadas. Essa abordagem permitiria compreender melhor a influência da revolução haitiana nas práticas emancipatórias em países que permaneceram sob o domínio colonial após a abolição da escravidão, ou vice-versa, que permaneceram escravos após sua independência. Por um lado, os partidários do sistema escravista tentaram bloquear o acesso aos ideais revolucionários e libertadores dos heróis da independência do Haiti a esses países da América Latina e ao resto do Caribe. Por outro lado, eles refutam a ideia de liberdade conquistada pela jovem nação. Marcel Dorigny (2019) explicou-o bem: "O Haiti não era reconhecido por nenhum poder na época. Pelo contrário, em 1815, as potências europeias reunidas em Viena reconheceram os direitos da França sobre Santo Domingo". Casimir (2019), inspirando-se nas reflexões de Marlene L. Daut (2019), entretanto, afirma que "o país não foi descartado. Se a revolução haitiana, e de Vastey com ela, rejeita um mundo no qual a pessoa é objeto de comércio, eles mesmos escolhem se retirar, cortar seus laços com o mundo moderno". O Haiti se viu lutando, segundo Casimir, por uma forma de modernização sem escravidão desde o início do século XIX. Pode-se ter uma ideia da tarefa que este país confrontou, enquanto era ameaçado pelo sistema escravo. Quando falamos sobre a memória da escravidão, muitas vezes esquecemos a memória dos *quilombolas*. Essa memória deve ser levada em conta pela simples razão de que, do ponto de vista do direito colonial francês, o *marron* era um escravo fugitivo (Dorigny 2019), ou seja, ele era um escravo que havia abandonado a estrutura supostamente "natural" ou "legal" de sua vida, que era a moradia. Ao contrário do colonizador, o *marron* se concebia como um homem livre.

A recepção: o público escolar

O MUPANAH permite aos jovens haitianos (seu principal alvo) ver seu passado como escravos e homens livres (levando em conta seu orgulho nacional e sua projeção no futuro), em outras palavras, desenvolver uma consciência histórica? Em que medida essas visitas guiadas contribuem para o desenvolvimento de um cidadão consciente de seus direitos e deveres? Para responder a essa pergunta, seria necessário entender melhor alguns dos problemas relacionados com a educação oferecida nos museus haitianos. Minhas perguntas aplicam as reflexões de Halbwachs sobre os quadros sociais da memória (1925) para a memória da escravidão no Haiti e sua *museificação* no MUPANAH.

O interesse em visitar o museu muitas vezes parece ser devido à exaltação da memória dos heróis da independência do Haiti, que a historiografia oficial tem praticado. Também pode estar ligado ao nível de informação disponível sobre uma pessoa que tenha marcado a história de uma forma ou de outra. Um estudante confidenciou: "Eu queria saber onde os restos mortais do Presidente François Duvalier foram depositados e soube que o lugar onde eles se encontram foi transformado no "Museu do Panteão", mas seus restos mortais foram substituídos pelos de nossos antepassados. Soube que era o MUPANAH". Alguns são às vezes movidos pela curiosidade ou por um desejo de aprender sobre a história. Um estudante disse que "desde criança na escola, tenho estudado a história do Haiti e achei essencial em certo momento ir e descobrir certos objetos que servem como pistas que marcaram a história". Menos entusiasticamente, outro estudante confessa: "Eu estava nos exames oficiais quando um amigo sugeriu que eu fosse ao MUPANAH porque ficava perto, durante o intervalo [...]" , mas ele imediatamente compensa: "aprendo mais sobre a história do meu país, sei mais sobre minhas origens e sei quem eu sou".



Il. 3 Estudantes ao redor do Sino da Liberdade. Courtesy MUPANAH, Port-au-Prince

Muitos estudantes experimentam uma visita ao museu como uma espécie de excursão ou dever de casa. Outros, no entanto, querem se familiarizar com a história nacional. Uma estudante disse que "a primeira visita foi principalmente por curiosidade e as outras foram educacionais e para lembrar em mim a minha *haitianidade*".⁴ Para os herdeiros da elite haitiana, isso é necessário porque a família exige um bom conhecimento do passado nacional. Na maioria dos casos, os visitantes expressam seu desejo de apropriar-se da história nacional na qual a maioria deles se reconhecem como (co)herdeiros dos heróis. Isso os

4 Por *haitianidade*, presumo que a estudante esteja tentando dizer que ela pertence às particularidades culturais e históricas específicas do Haiti; tudo o que a faz sentir-se haitiana na alma. Essas particularidades referem-se à "questão da existência de uma cultura haitiana cujas modalidades e expressões históricas, sociais e estéticas diferem no todo ou em parte das de outros povos do mundo" (Crosley 1992: 124).

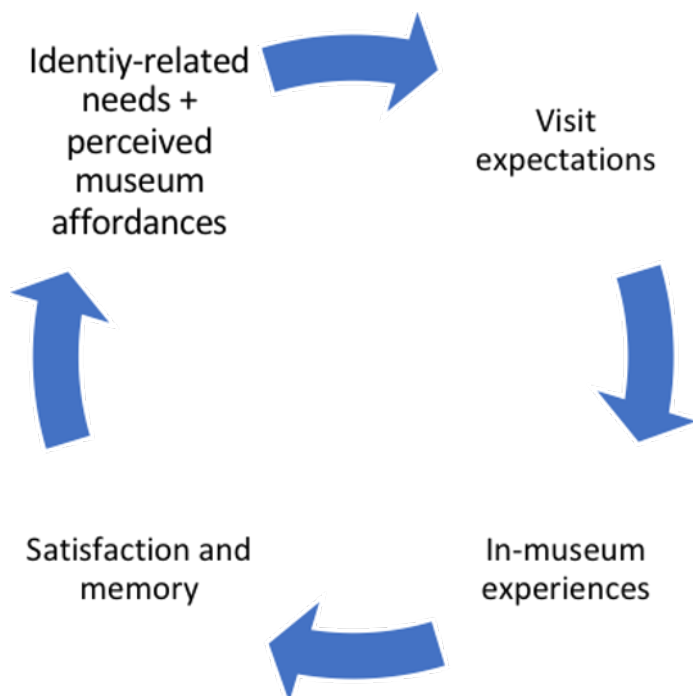
leva a questionar o papel que o MUPANAH, como instituição cultural e memorial, deve desempenhar na constituição e transmissão do conhecimento sobre a escravidão e seus corolários na sociedade haitiana; não uma escravidão que faz aparecer a desumanidade do sistema, mas um mal que foi superado pela força e bravura dos ancestrais.

O objetivo da minha pesquisa foi avaliar a qualidade da abordagem dessas visitas em uma escala esquemática de satisfação (Muito satisfeito - Satisfeito - Pouco satisfeito). As impressões positivas prevalecem em grande parte. Enquanto algumas pessoas dizem estar encantadas com a arquitetura do museu, para outras o museu complementa suas lições de história nacional. A visita frequentemente provoca muitas reflexões entre os jovens sobre sua identidade e sua existência: "No que eu me tornaria sem essa versão do meu passado como povo? Como teria sido meu futuro se esse modelo de sociedade tivesse sido diferente do que é agora?" Essas palavras indicam as muitas perguntas que esses jovens podem ter. O museu pode saciar a sede de conhecimento, mas também fornece elementos para a busca de identidade, e eu acrescentaria até mesmo que ele proporciona consolo diante das adversidades contemporâneas. O museu é, portanto, a expressão de uma política educacional apropriada e adaptada à formação dos cidadãos.

O nível de satisfação varia de acordo com a expectativa do visitante. Alguns esperavam fazer descobertas como esta: "Eu esperava descobrir outras coisas novas além do que é dito sobre a história nacional nos livros e na rua". Outros pensaram que encontrariam um espaço de lazer, intercâmbio e reflexão no museu depois de seguir o passeio: "Antes de minha primeira visita, eu me perguntava se havia um espaço de lazer e intercâmbio com os outros estudantes. Mas fiquei decepcionada ao ver todos nós no pátio. Nenhum espaço adequado. Não há lugar para sentar. Nem mesmo nada para comer, exceto *Papita*".⁵ Outro grupo esperava encontrar uma exposição sobre períodos específicos: "Como estou sempre interessado na história das batalhas pela independência, eu esperava ver uma exposição sobre a história baseada no período revolucionário como é chamada no museu". Esses pontos de vista são representativos. Muitos jovens estão interessados em participar de qualquer atividade que possa ajudá-los a romper com sua rotina diária.

Responder a perguntas sobre o passado parece anunciar o futuro. Os desejos desses jovens expressam sua preocupação em encontrar mais significado à sua visita. John H. Falk (2009) modelou a experiência dos visitantes dos museus em termos de suas motivações identitárias. Ele tenta conceber um modelo preditivo da experiência do visitante que permitirá aos profissionais do museu atender melhor às necessidades deles. Os jovens que entrevistei identificaram necessidades, expectativas e satisfações semelhantes às aquelas identificadas por Falk, tanto em relação à identidade quanto à memória coletiva. O diagrama a seguir não é um círculo, mas uma espiral, sugerindo que as respostas às perguntas dos visitantes as mantêm voltando.

5 *Papita* é um produto de banana consumido sob a forma de *chips*. É reconhecido como um dos subprodutos mais comercializados no Haiti.



Il. 4: Espiral das necessidades dos visitantes identificadas pelo museu (expectativas - visita - satisfação, recolhimento - necessidades de identidade e percepção das possibilidades oferecidas pelo museu)

Para uma avaliação do público escolar do MUPANAH

A forma como muitos pesquisadores (Allard 2003; Falk 2009, Chivallon 2013) abordam o público dos museus - em particular os adolescentes que compõem o público escolar - facilita a leitura de minhas entrevistas. Entretanto, é necessário levar em conta as exortações de Michel Allard para admitir que o estudante não pode entender tudo, ver tudo e aprender tudo em uma única visita:

A tentação é grande, para fazê-lo aproveitar ao máximo sua visita, de lhe mostrar todos os tesouros exibidos nas vitrines. Na maioria das vezes, o aluno fica entediado. Ele se apropria de uma pequena parcela de todo o conhecimento que gostaríamos que ele adquirisse (Allard 2003: 42).

Isso levou a uma certa insatisfação entre os jovens quanto ao roteiro e duração da visita, as explicações fornecidas pelos guias, o número de objetos expostos e as partes da história que não foram incluídas na exposição. Outros aspectos relevantes estão relacionados com suas visitas pessoais, às quais voltarei.

Com relação às razões para visitar o MUPANAH, a maioria das respostas girou em torno da necessidade de conhecer suas origens sociais e étnicas, aprender sobre a riqueza de sua cultura e buscar uma identidade que lhe própria. Eles testemunham sua consciência do passado e o apoio para a valorização da história e da cultura da República dentro do museu. Mas eles também revelam a importância de envolver as escolas em sua busca de identidade. Seus comentários sugerem que, à medida de sua escolaridade, sua demanda cultural se torna uma questão importante na busca de um sentido para sua existência através do desejo de saber de onde vêm, quem são e como podem se projetar no futuro. Isso implica questionar o passado, selecionar os momentos de glória e identificar-se com um grupo; a busca de identidade levará a essa consciência histórica. As formas de transmissão podem alterar a recepção da(s) mensagem(ens) transmitida(s) pelo museu, ou mesmo provocar aversão

no estudante. Allard acredita que esse público em particular precisa ser tratado com muito cuidado.

Deve-se notar que se houver alguma crítica, ela dificilmente diz respeito às peças expostas. Uma vez que o curador de uma exposição se vê obrigado a selecionar as peças de acordo com seu estado de conservação, leva sempre em conta a capacidade de registro do visitante mediano. A exposição permanente lança um olhar transversal sobre a história do Haiti, levando em conta o desejo de seu público jovem de estar em uma atmosfera contemporânea. O nível de satisfação dos entrevistados pode ser interpretado como um reconhecimento dos esforços feitos pelo museu para seu público. Embora uma proporção muito pequena das respostas achasse que nenhum aspecto da visita chamou sua atenção, algumas críticas devem ser mencionadas. Primeiramente, na ausência de uma loja, a visita não deixa nenhuma memória material, especialmente porque é proibido tirar fotos. Essas críticas devem ser levadas em consideração: é necessário sensibilizar o estudante para o contato com os objetos únicos e frágeis expostos no museu. O flash de uma câmera pode danificar o objeto ou mesmo destruí-lo completamente, mas poucas pessoas aqui entendem a proibição de tirar fotos. O estudante deve compreender que essa medida lhe permitirá repetir essa experiência em outras ocasiões e torná-la mais fácil para futuros visitantes. Também é lamentável que “não haja espaço para debate, discussão e intercâmbio para os estudantes após as visitas”. Por outro lado, alguns estudantes querem ter muito mais tempo na frente dos objetos, enquanto o guia está sob a pressão do tempo.

A insatisfação de alguns não significa insatisfação geral. As entrevistas levantam uma série de pontos que hoje constituem um desafio para alguns museus diante da necessidade de modernização e das novas exigências do público, tais como interatividade visitante-objeto, telas interativas, acesso a uma cafeteria e a áreas de lazer etc. Os jovens no final da adolescência são relativamente críticos em relação a certas situações. Houve também a reprovação de que “os guias dão mais importância aos turistas estrangeiros do que a nós”, um aspecto que precisa ser esclarecido, já que outros expressaram sua satisfação com o profissionalismo dos guias. De fato, não há razão para que um guia deva favorecer um visitante estrangeiro, pois esse é um princípio democrático que deve ser o mesmo para todos.

A incompetência dos guias é outra crítica. Como eles vêm com expectativas ligadas tanto às leituras quanto às informações recebidas de uma pessoa de confiança (pais, amigos, professores etc.), qualquer detalhe ou resposta contrária às suas expectativas poderia levar os jovens a sentirem que o guia não está à altura da tarefa. A falta de desempenho de um guia pode ter causas diferentes. Uma vez vi um guia deixar seu grupo de estudantes continuar a visita sozinho. A autonomia parcial dos jovens em seguir o percurso é fortemente encorajada por Michel Allard: “... deve ser respeitado um equilíbrio entre o dirigismo absoluto e a liberdade total” (Allard 2003: 47). À minha pergunta desinteressada o guia respondeu: “... estou trabalhando desde esta manhã! [Eram 14h45]. O pior é que eu não sei até que horas vou ficar, porque há uma alta frequência de visitas”. Em geral, o estresse dos guias é uma preocupação dos museus, pois pode afetar a satisfação do público.

Encontros com os jovens, a busca de sensibilidade e experiência

Os jovens estudantes que frequentam o MUPANAH descobrem um vasto e diversificado patrimônio. É particularmente a galeria histórica que permite aos jovens apropriarem-se de uma história que reflete quem eles são, como eles se percebem e o que os outros pensam deles como haitianos. Mas essas entrevistas revelam novos aspectos. O público é bastante marcado pelo desejo constante de conhecer o passado e de venerar os heróis da independência do Haiti, ou pelo menos de aprender e falar sobre ele com os outros. Eles também procuram, de acordo com os testemunhos coletados, comparar as histórias apresentadas na exposição com aquelas encontradas nos manuais de ensino (ou em palestras), e memorizar os dados de sua visita, já que estão em contato com objetos e imagens que representam os diferentes períodos do país.



Il. 5 Vista parcial da coleção permanente. Courtesy MUPANAH, Port-au-Prince

Os dados da pesquisa revelam que esse público escolar constrói uma representação coletiva do passado com base na organização museográfica. Sua forma de apropriação das mensagens transmitidas na exposição mostra uma forte demanda por métodos de apresentação contemporâneos que facilitem essa transmissão; exigências que também dizem respeito ao conteúdo. A colocação de dispositivos, permitindo o contato com os objetos, facilita o sentimento de orgulho particularmente desejável na insurreição escrava que leva à independência. As entrevistas permitem medir o impacto que os meios cenográficos instalados pelo MUPANAH têm sobre o público jovem, a fim de estimular seu sentimento ou pensamento político. Elas também mostram as vantagens a serem obtidas com a visita desse museu pelo público escolar para a compreensão e apropriação do passado haitiano. O museu como ferramenta de transmissão de conhecimento é inestimável, desde que

as visitas sejam estruturadas através do estabelecimento de um programa formal de educação museal. A capacitação dos(as) cidadãos(ãs), que garantirão a sustentabilidade institucional e o desenvolvimento social, econômico, político e cultural do Haiti, continua sendo um dos principais desafios do sistema educacional haitiano.

Dado o desejo dos jovens – que se manifesta especialmente no final da adolescência – por uma identidade alinhada com o passado de seu povo, o risco é alto tanto para o MUPANAH quanto para o Ministério da Educação Nacional e Formação Profissional. Essas instituições deveriam conjugar esforços para alcançar os objetivos previamente definidos para o ensino da história. O objetivo é elaborar um plano para institucionalizar a ligação entre as duas entidades. No Haiti, a responsabilidade do sistema educacional na experiência museal dos estudantes (verificação da recepção das mensagens transmitidas no museu, observação e contato com os objetos e imagens etc.) é indefinida ou mesmo inexistente. Em sua ausência, as escolas têm pouco controle sobre a transmissão dos conhecimentos adquiridos pelo estudante no museu. A concertação entre os dois tipos de conhecimento permitiria aos jovens descobrir por trás do passado e do caos atual um projeto viável para construir um país com dignidade e respeito; sua ausência se faz em detrimento da vocação educacional do museu. Desde que a visita desperte o interesse do aluno por uma visita futura, ela ocupará um lugar em seu sentimento de identidade e o confrontará com sua própria *responsabilidade na história* (Létourneau 1997).

Conclusão

É o crescente fluxo de visitas escolares ao museu nos últimos anos que tem motivado meu estudo. Ela contradiz a tendência até então dominante de considerar os jovens como “sem raízes” ou “amnésicos ambulantes” (Létourneau 2004: 327), embora a alta taxa de analfabetismo que favorece o esquecimento da história não deva ser negligenciada. Pierre Bourdieu argumenta corretamente que enquanto a cultura é determinada pelas características sociais, culturais e nacionais do indivíduo, o paradoxo é que o primeiro princípio da cultura é rejeitar esse vínculo original (Bourdieu e Darbel 1969: 161-167).

Concluirei voltando às observações pertinentes feitas pelos jovens durante as entrevistas. Mencionamos suas críticas à forma como o museu funciona, portanto, vamos voltar a esse conteúdo. Em particular, o período escravagista, seguido pela revolta geral da escravidão, e o período imperialista de Faustin Soulouque, ilustrado por sua coroa de ouro, atraíram sua atenção. A preferência no meio escolar haitiano pelo período escravo e pelo período revolucionário é tão evidente, que motivou Marie-Lucie Vendryes a propor o projeto de um museu da história da escravidão com a missão de “registrar a memória da escravidão e representar a história deste período de desumanização” (Vendryes 2000: 15-19). Esse projeto se baseia na mesma intenção da Rota dos Escravos (UNESCO 2010, 2018), para a qual foi criado um comitê haitiano em 1993, mas que nunca viu a luz do dia.

Contra todas as expectativas, esses jovens não rejeitaram as exposições sobre a história do Haiti. Pelo contrário, sua presença no museu é crucial para a aquisição de uma cultura museológica e para a apropriação da cultura no sentido mais amplo. Suas críticas mostram que os jovens estão procurando uma experiência de vida multissensorial no museu; eles são estimulados, em minha opinião, por uma sede de entender a história do Haiti em todos os seus componentes e a preocupação de afirmar sua identidade e consciência cívica (Saillant 2012). Apesar das irregularidades mencionadas, eu acho que o balanço das experiências é positivo. Positivo não por causa da implementação de um mecanismo para facilitar essas experiências, mas por causa da motivação do público. Em virtude dessa vontade de aprender, os jovens sentem o desejo de vivenciar o passado através da exposição, e é isso que contribui para a construção de sua consciência histórica. Sejamos claros sobre um ponto: devemos trabalhar para reconciliar a sociedade haitiana com ela mesma e com sua história. Devemos fazer com que os jovens reconstruam a memória dos eventos traumáticos e se apropriem dela. Se o museu tem os meios para iniciar essa reconstrução e para elucidar a “condição humana” (Postman 1989), deve haver mais museus como o MUPANAH. A oferta de museus históricos deve incluir um museu dedicado especificamente à memória da escravidão. Precisamos aproveitar o impulso de *D'Ayiti à Haïti: la liberté conquise* e de *Chimen Libète*.

Referências

- Allard, M., 2003, “Les Musées et leurs publics : Diagnostic d'une non-rencontre entre l'institution muséale et les adolescents”, *Cahier du GREM*, n° 16 (2003) : 42 (estudo realizado em 2002).
- Augustin, J. R., “La mémoire de l'esclavage dans l'espace public : initiatives pour sa patrimonialisation à Bordeaux (France) et à Port-au-Prince (Haïti)”, *Ethnologies*, 34 (1-2) : 2012.
- Augustin, J.R., *Mémoire de l'esclavage en Haïti. Entrecroisement des mémoires et enjeux de la patrimonialisation*. Québec : PhD Université Laval, 2016.
- Barthélemy, G., “Réflexions sur des mémoires inconciliables : celle du maître et celle de l'esclave. Le cas d'Haïti”, *Cahiers d'études africaines*, XLIV (1-2), 173-174 (2004) : 127-139.
- Bourdieu, P. et Darbel, A., *L'Amour de l'Art : les Musées d'Art européens et leur public*. Paris: éd. Minuit, 1969.
- Casimir, J., “Le système colonial dévoilé de de Vastey ou le difficile ancrage”. Paris : Collège de France le 20 juin 2019, <https://www.college-de-france.fr/site/yanick-lahens/symposium-2019-06-20-10h00.htm>.
- Célius, C. A., “Le musée, le passé et l'histoire”, in Vieregg, H. K., et al., *Muséologie – Un champ de connaissance. Muséologie et histoire*. ICOM, ICOFOM, UNESCO, 2006 : 165-174.
- Célius, C. A., “L'esclavage au musée. Récit d'un refoulement”, *L'Homme*, tome 38, n° 145, 1998. https://www.persee.fr/doc/hom_0439-4216_1998_num_38_145_370431.
- Chivallon, C., “L'émergence récente de la mémoire de l'esclavage dans l'espace public : enjeux et significations”, *Revue d'Histoire moderne et contemporaine*, n° 52-4, 2005.
- Chivallon, C., “Rendre visible l'esclavage. Muséographie et hiatus de la mémoire aux Antilles françaises”, *L'Homme*, n° 180 (2006) : 7-41.

- Chivallon, C., "Mémoires de l'esclavage et actualisation des rapports sociaux", in Cottias, Myriam, Elisabeth Cunin, Antonio de Almeida Mendes (eds.), *Les traites et les esclavages*. Paris: Karthala, 2010.
- Chivallon, C., *L'esclavage, du souvenir à la mémoire : Contribution à une anthropologie de la Caraïbe*. Paris : Karthala/CIRESC, 2012.
- Chivallon, C., 2013, "Les questions posées par le discours muséographique confronté à l'expérience esclavagiste", *Africultures*, n° 91 (2013) : 60-69.
- Cottias, M. & Mattos, H., (dir.), *Esclavage et subjectivités : dans l'Atlantique luso-brésilien et français (XVIIe-XXe siècles)*. Marseille : OpenEdition Press, 2016.
- Crosley, B., *René Depestre et la défense et l'illustration de la Créolité/Haitianité* dans *Bonjour et Adieu à la Négritude* (1980) et *Hadriana dans tous mes rêves* (1988). Ann Arbor : PhD, UMI dissertation Services, 1992.
- Daut, M. L., *Baron de Vastey and the Origins of Black Atlantic Humanism*. New York : Palgrave Macmillan, 2019.
- Davallon, J., "Mémoire et patrimoine : pour une approche des régimes de patrimonialisation", in Cécile Tardy et Vera Dodedei (dir.), *Mémoire et nouveaux patrimoines*. Marseille: Openedition Press, 2015.
- Delné, C., *Le bâillonnement de la Révolution haïtienne dans l'imaginaire occidental à travers des textes fictionnels des dix-neuvième et vingtième siècles*. New York : PhD The Graduate Center, City University of New York, 2013.
- Falk, H. J., *Identity and the Museum Visitor Experience*. Walnut Creek: left coast press, 2009.
- Fanon, F., *Peau noire, masques blancs*. Paris : Seuil, 1971.
- Féron, J. M., *Évaluation d'un jeune public (scolaire) face à l'offre d'un contenu historique mis en exposition par un musée : le cas du Musée du Panthéon National Haïtien (MUPANAH)*. Québec : l'Université Laval et Port-au-Prince : Université d'État d'Haïti mémoire de maîtrise 2013.
- Le Moniteur*, "Décret créant le Musée du Panthéon National Haïtien", n° 8, 31 janvier 1983.
- Lerebours, L., "Le Musée du Panthéon National», *Bulletin du Patrimoine*, n° 1, août 1999.
- Letourneau, J. et Moisan, S., "Mémoire et récit de l'aventure historique du Québec chez les jeunes Québécois d'héritage Canadien-français : coup de sonde, amorce d'analyse des résultats, questionnements", *The Canadian Historical Review*, vol. 85, n° 2, 2004.
- Letourneau, J., dir., *Le lieu identitaire de la jeunesse d'aujourd'hui : Étude de cas*. Paris : L'Harmattan, 1997.
- Michel, A., 2014, "Geoffrey Grandjean et Jérôme Jamin, La concurrence mémorielle", *Témoigner. Entre histoire et mémoire* 117 (2014) : 129-147, <http://journals.openedition.org/temoigner/833>, acesso 19 abril 2019.
- Musée du Panthéon National Haïtien (MUPANAH), *D'Ayiti à Haïti, la liberté conquise : une exposition du Musée du Panthéon National Haïtien*, 12 décembre 2004 [à] 15 novembre 2005. Port-au-Prince : Ministère de la Culture et de la Communication, 2004.
- Paret, R., "Le MUPANAH et la promotion des valeurs historiques et culturelles", *Museum International*, vol. 62, n° 4/248 (2010) : 41-48.
- Postman, N., "Pour un élargissement de la notion de musée", in André Desvallées (éd.), *Vagues, une anthologie de la nouvelle muséologie*, 2. Mâcon : Éditions W. MNES 1994 : 420-432.

Saillant, F. & Boudreault-Fournier, A. (dir.), *Afrodescendances, cultures et citoyennetés : retours sur l'esclavage*. Québec : Presses de l'Université Laval, 2012.

Tin, L-G., *Esclavage et réparations. Comment faire face aux crimes de l'histoire*. Paris: éd. Stock 2013.

UNESCO, *Routes de l'esclave. Une vision globale*. Paris, livro pedagógico, 2010.

UNESCO, *Héritages de l'esclavage. Un guide pour les gestionnaires de sites et itinéraires de mémoire*, 2018, www.unesco.org/open-access/terms-use-ccbysa.fr.

Vendryes, M-L., "Un visage humain sur fond de déshumanisation. Étude préliminaire pour le futur musée haïtien de la traite de l'Esclavage", *La Lettre de l'OCIM*, n° 67 (2000) : 15-19. [http://doc.ocim.fr/LO/LO067/LO.67 \(3\) -pp.15-19.pdf](http://doc.ocim.fr/LO/LO067/LO.67%20(3)-pp.15-19.pdf), [acesso 15 de abril 2012].